

A HISTÓRIA E A FÉ  
DO Povo NEGRO  
NO BRASILE NA  
AMÉRICA ANDINA



C5253  
TIE3  
AB

CP. ASETT  
Av. Presidente Vargas, 1000  
Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil  
CEP 31000-000

Agradecimento.

Av. Presidente Vargas, 1000  
Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil  
CEP 31000-000

CP. ASETT  
Av. Presidente Vargas, 1000  
Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil  
CEP 31000-000

CP. ASETT  
Av. Presidente Vargas, 1000  
Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil  
CEP 31000-000

CP. ASETT  
Av. Presidente Vargas, 1000  
Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil  
CEP 31000-000

CP. ASETT  
Av. Presidente Vargas, 1000  
Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil  
CEP 31000-000

CP. ASETT  
Av. Presidente Vargas, 1000  
Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil  
CEP 31000-000

CP. ASETT  
Av. Presidente Vargas, 1000  
Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil  
CEP 31000-000

CP. ASETT  
Av. Presidente Vargas, 1000  
Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil  
CEP 31000-000

CP. ASETT  
Av. Presidente Vargas, 1000  
Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil  
CEP 31000-000

CP. ASETT  
Av. Presidente Vargas, 1000  
Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil  
CEP 31000-000

CP. ASETT  
Av. Presidente Vargas, 1000  
Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil  
CEP 31000-000

CP. ASETT  
Av. Presidente Vargas, 1000  
Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil  
CEP 31000-000

CP. ASETT  
Av. Presidente Vargas, 1000  
Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil  
CEP 31000-000

CP. ASETT  
Av. Presidente Vargas, 1000  
Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil  
CEP 31000-000

CP. ASETT  
Av. Presidente Vargas, 1000  
Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil  
CEP 31000-000

CP. ASETT  
Av. Presidente Vargas, 1000  
Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil  
CEP 31000-000

CP. ASETT  
Av. Presidente Vargas, 1000  
Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil  
CEP 31000-000

CP. ASETT  
Av. Presidente Vargas, 1000  
Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil  
CEP 31000-000

CP. ASETT  
Av. Presidente Vargas, 1000  
Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil  
CEP 31000-000

por pregar

#### Negros e Negros!

A noite lata de libertação integral prossegue  
o muito AIG. Aqui está mais um momento forte do  
seu crescimento intelectual, tendo sempre a  
repetitiva de partilhar novos conhecimentos con-  
dos.

Nos dias 24 a 29 de Janeiro de 1988 realizou-  
se um curso de formação para tratar "Iden-  
tidade negra cristã" organizado pela Associação Teológica  
Teologos do Foco do Mundo (ASETT). O tema mo-  
vador do curso era: "TEOLOGIA E CULTURA NEGRA NO  
BRAZIL E NA AMÉRICA ANDINA".

Aqui apresentamos uma síntese do que foi esse  
curso de formação. O esquema segue a seguinte or-  
dem:

1. Uma introdução ao Curso destacando os obje-  
tivos, as características e limites e os avanços apre-  
sentados;
2. As sínteses dos expositores:

- a. Temas Teológicos no Período Colonial no  
Brasil - Expositor: Marcos Rodrigues da Sil-  
va - Brasil;
- b. Temas Teológicos no Período Colonial no  
História da Colonização da América Andina  
- Expositor: Pe. Rafael Savoia - Equador;
- c. O Negro e os 500 anos de Colonização -  
Aspectos Sociais e Culturais - Expositor:  
Cachana Benaceno - Brasil;
- d. Os elementos fundamentais para uma teolo-  
gia Afro-Latino-Americana reolhidos a partir dos  
rumbos de grupos;
- e. Subsídios dos temas apresentados e que fo-  
ram utilizados no aprofundamento e discussão dos parti-  
cipantes;
- f. A relação dos participantes e assessores.

Queremos agradecer aos membros da ASETT pelo  
apoio na luta contra a discriminação racial e no  
formalmente (formação e capacitação) de agra-  
dos cristãos para a elaboração da Teologia Afro-  
Americana. Também ao Quilombo Central, organização  
de serviço dos Agentes de Pastoral Negros que ge-  
taram essa iniciativa de estudo coletivo.

No final um forte AIG e venceu continuar nossa  
luta de identidade, libertação na construção do  
Reino de Deus.

MARCOS RODRIGUES DA SILVA  
Coordenador do Programa  
NEGRITUDE E RELIGIÃO - ASSETT - Brasil

São Paulo, 24 de fevereiro de 1988.

03

D. POSSIBILIDADES DO ENCONTRO:

- Estimular / aprofundar a pesquisa teoria/prática Latino Americano;
- Criar intercâmbios de produções no campo teológico prática-teoria-prática;
- Abertura para uma nova literatura teológica;
- Novos encontros com os mesmos participantes / ou interessados no tema;
- Encontro continental de Agentes de Pastoral, militantes, cristãos, teólogos, pastoralistas - Intercâmbio de produção.



- A. ORITATIVO
- Primeiro encontro de agentes negros cristãos das diversas ações nas Igrejas e Cultos Afro;
  - Recuperar um sentido histórico a partir dos esquemas teóricos:
  - Teologia Colonial (projeto da empresa colonial);
  - Teologia na América Andina;
  - As ciências sociais.
  - Pistas da Comunidade a uma reflexão teológica com aprofundamento prático-teórico.
- B. CARACTERÍSTICAS E LIMITES DO ENCONTRO:
- Aspecto pastoralista dos militantes negros;
  - O pouco manuseio dos esquemas teóricos val gientes (clássico, Teol. da Libertação);
  - Repúdio a sistematizar o pensamento teórico - forte acentramento da prática;
  - Pouca compreensão dos discursos pré-teóricos.
- C. CARACTERÍSTICAS E AVANÇOS NO ENCONTRO:
- A possibilidade de se introduzir no campo teórico-prático;
  - A exigência a elaboração de questões essenciais de elaboração sistemática;
  - Estabelecimento de uma concepção de liberdade à produção teórica: Prática-Teoria-Prática;
  - Percepção / possibilidade da consciência de classe-na teologia- na elaboração teológica.

### Types Teológicos no Período Colonial

#### I. Características da regras coloniais

- regras desgastado e decadente da feudalismo
- fortalecimento da violência opressiva
- violência legítima e oficializada - escravidão
- reação social - senhor + escravido
- escravo = objeto (peça)
- sistema mercantil

#### II. A figura do santo - sistema do padrinho

##### dos expoitores

1. Temas teológicos no período colonial:
  - 2. O negro na área andina
  - 3. O negro e os 500 de evangelização:
    - aspectos sociais
    - aspectos culturais
4. (garante a segurança pessoal e coletiva)
  - defensor dos súditos
  - susstituto:
    - é o pré-destinado por Deus
    - é o protetor (Deus abrange a todos)
    - reúne a "fidelidade" (escravo) com a "descida" (religião oficial)
  - castelhanísticas:
    - era considerado "patrón ou padroado"
    - era chefe = "pela graça de Deus"
    - "o dono da Igreja" o equivalente a "dono do santo"
    - exigia a fidelidade ao "patrón" (versão católica)
- III. Os portugueses - o Negro eleito (err. Un 12)
  - consideram-se os escravidos por Deus para:
    - conservar
    - expandir a fé católica



- o batismo teoricamente a cidadania na colônia

- muitos devoções cristão, nem um direito social  
- muitos discursos - o universalista "o Reino de  
Deus é o de todos" - o particular "a defesa da terra  
- entre outros os "homens portugueses e  
- deu a cidadania colonial".

SP, Marcos Rodrigues da Silva



#### I - RESISTÊNCIA E PALENOES

Em todos os países bolivarianos (Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia) se pode encontrar abundante e vasta documentação sobre a resistência do Negro ao sistema escravista, particularmente por parte de certos grupos indicados como rebeldes. É o caso, em Colômbia, dos "negros Mina e Cabo Verde" ou quais, segundo o Conselho das Índias (19.6.1704) não somente resistiram à religião, mas também incitaram a outros para que "procurem a liberdade através de fugas, assim que, juntando-se em grupos nos povoados pouco habitados, o casionavam notáveis danos". Na América Hispânia havia também outras formas conhecidas de resistência, desde o suicídio ao infantídio, etc.

As rebeliões são frequentes, por exemplo, em Záragoza (Colômbia), nos anos 1598, 1659; em Cartagena (Colômbia) em 1600, 1650, 1693, unidades a conspirações em 1694 e 1799. Havia ataques também a cidades como é o caso de Santa Marta (1545) que foi arrasada e queimada pelos "chinarrones" de Ramada... No Equador, os malatos de Esmeraldas ameaçaram, com frequência a cidade de Porto Viejo desde 1555 até 1577.

Os Palenques eram a institucionalização da rebeldia e do desejo de liberdade dos escravos chicanos "chinarrones". Estavam organizados de maneira própria e em lugares estrategicamente escolhidos e bem defendidos onde treinavam o manuseio das armas, além de aproveitar das alianças das tribos indígenas que eles mesmos promoviam (conf. Pe. Miguel Cabellero de Balboa, "Verdadera y larga relación sobre a

No Equador é famoso o palenque dos "Illescas", subornado às vezes nos documentos da época como "Repu-  
blica de los Zambos de Esmeraldas". Um grupo de 23 negros e negras que chegaram em outubro de 1553 nas ilhas de Esmeraldas, alaram-se com os indígenas e conservaram a praia durante quase todo o período colonial, apesar de pelo menos 60 expedições militares contra elas, e de algumas expedições pacíficas, seja, de caráter missionário. No ano de 1620 pôs-se a ser contados 120 os descendentes dos primeiros negros Illescas, liderando de 250 a 500 índios. As autoridades da colônia tentaram suborná-los oferecendo-lhes o poder de governar esta província tão coberta pelos diferentes governadores. Em 1577 ofereceu-se ao negro Alonso de Illesca o título de governador, este porém o recusou depois de consultar o povo. E ao padre que o exortava a aproximar-se a seus sacramentos respondeu que o desejava "porém enquanto estiver ocupado na redenção deste povo" pre-  
ro esperar.

No atual Panamá em 1549 ocorreu a rebelião do "rey Negro Bayano" que levou consigo, dizem, até 1.111 escravos. Os espanhóis afirmavam que "mindo a missa, se reuniam numa espécie de santuário, instruído ali, e sobre um altar colocaram um jarro de vinho e um pedaço de pão que eles mesmos faziam, 'bligo' vestindo uma túnica de cor vermelha para lebrar: na própria língua materna cantavam e os outros respondiam, e depois, frente à assembleia dos presentes consumiam o vinho e o pão. Muita atenção prestada a homilia na qual ele os incentivava a render a própria liberdade e a do povoado até mesmo a armar, obedecer e apoiar o seu "rey Bayano", derradeiro Sossa Elas, "El hombre y la tierra en Panamá" em 1759 cit. por Idelfonso Gutiérrez Acopardo, 336, pag. 32).

de negros e passar a Mopoj onde, unindo-se a outros, atacar Zaragoza. Soube dos designios que tinham e da república que iam formar..." (Roberto Araxáola "Palenques Primer Pueblo Libre de América" ob. cit. 45-46).

O historiador Roberto Araxáola admite que na mente destes negros "huidos y alzados" havia o propósito de criar uma república com seu rei e governador tendo como centro Cartagena; de não deixar sucumbar o palenque de Matuna e seus charrones sob o poder das tropas coloniais e dos "cudilleros" da Santa Hermandad.

Jaramillo Uribe, em relação ao século 18 faz entender que os negros não atuavam ao acaso: "nos anos entre 1750 e 1790, o conflito foi tanto que se tem a impressão de que poderia ter existido um acordo entre os diferentes grupos de escravos para levar a termo uma rebelião geral". Nesta época os palenques existiram em quase todas as regiões.

No ano 1777 escravos de várias localidades perto de Medellín "sob o nome de 'candonga'" provocaram outra conspiração contra seus amos".

En Cali no ano 1772 foi descoberto o plano dirigido pelo mulato Pablo "para fugir as montanhas com 50 escravos a fin de se armar contra os brancos e depois, unir-se aos negros em Yurinangui na região mineira da costa, em número de 500".

O movimento de Cartago de 1755 foi "cuidadosamente planejado e tinha conexões com outros do Cauca o Choco e o Vale. Seu propósito era unir-se a alguns escravos que estavam nas margens do rio Otún para sair matando a todos os brancos desta cidade" (Jaime Uribe Jaravillo, "Ensayos sobre la Historia Social Colombiana" pag. 67, ob. cit. 47).

O negro escravo era realista. Os planos que conseguia para sua libertação não era simplesmente uma volta ao passado; tratava de buscar a sua identidade

Em geral nos palenques se conservaram tradições ligadas à Igreja Católica, como a administração do Batismo e outros sacramentos e em várias ocasiões pediam um capelão e assistência espiritual.

Dois palenques saiam para atacar comboios e fazendas ou para libertar seus companheiros de cativeiro.

Quando o palenque era invadido e destruído pelas tropas coloniais os que sobreviviam tornavam a reagrupar mantendo-se livres.

Na Colômbia alguns historiadores afirmam que os palenques estavam presentes ao longo de todo o território e durante todo o período colonial. Gutiérrez apresenta uma grande lista desde o palenque de La Ranada perto de Santa Marta (ano 1592) até o de San Bartolomeo de Monguí (ano 1799). (ob. cit. 41-42).

#### II - O NEGRO TINHA UM PROJETO HISTÓRICO PRÓPRIO?

O historiador Gutierrez se pergunta: "As rebeliões, as sublevações e palenques foram meras e passageiras revoltas sem outro objetivo que protestar contra o maltrato ou fugir frente a ameaça de castigo? Seria um pouco ousado afirmar que todos estes movimentos constituiram uma revolução e que por isso obedeciam a um plano ou ideal bem concreto e definitivo; porém sem dúvida podemos dizer que neste há algo mais que um projeto revolucionário rutinado" (ob. cit. 45).

O governador de Cartagena no começo do século 16 informando o rei Felipe II sobre os negros rebeldes dizia que havia se desencadeado uma "guerra de churrascos tão enfadona e pesada... custando uma grande soma..." e acrescenta "o plano que tinham se o pudesssem executar seria muito bem entendido porque procuravam ir juntando muita quantidade".

e por isso se afirmava tanto no passado que o unia a seus ancestrais, organização, ritos, culto aos mortos, influência do "bruxo", etc., como no presente, no qual pertencia e que estava representado pelos novos círculos. Ambos, crioulos e bressans, representavam as duas faces da intenção de construir uma sociedade distinta na qual o negro se sentiria num ambiente de equidade como passou (ob. cit. 48).

No Peru a esposa do rebelde Gabriel Condorcanqui que se chamava Tupac Amaru, em memória de seu antecessor justificado em Cuzco, em 1572, é qualificada, de "omba" e dala tenentes do mesmo rebelde eram negros, já que todo homem busca liberdade.

As bases do projeto negro tinham como objetivo a liberdade, terra para trabalhar e autonomia.

Em todos os países onde reinava a escravidão o negro buscou sobretudo e a todo preço a liberdade, e não somente para si mesmo, mas também para os indígenas (conf. Cabello ob. cit.). Jamais entregaram de

volta companheiros fugitivos, seja em Colômbia como no Equador (conf. Pedro Vicente Maldonado). A terra era para o negro condição para sua liberdade. No memorial do Pe. Balthazar de La Fuente ao Conselho das Índias sobre o Palenque de Santa María, no final do século 18, se diz: "Que fosse determinado para eles um território para se estabelecerem com terra suficiente para trabalharem". Este era um ponto fundamental para poder pacificar os churrascos que tomavam a terra também como símbolo de independência. Domingo Bichó "nunca permitiu que a espanhol algum entrar com armas no seu povoado" (ob. cit. 50). E o negro Illescas diria ao Pe. Miguel Cabello de Balboa "O que o senhor está fazendo em minha terra?" (ob. cit. Cabello). As lutas que libertaram os campões negros do Vale del Cauca, no século passado não lutaram por terra. A fracassada conspiração de Cartagena (1799) (1) colaboração com negros franceses não tinha outro

objetivo que o mesmo alcançado pelos escravos do Haiti (cinco anos mais tarde) no estabelecer um estado negro independente (Arrazola ob. cit. 195 e 294).

### III - E A IGREJA?

Já sabemos como ela foi conivente em alguns astores com o poder colonial. Pouco sabemos sobre os defensores dos escravos da colônia, já que sendo considerados subversivos eram controlados, impedidos de escrever e, às vezes de falar, castigados com a prisão e o exílio. Suas obras em geral, não foram publicadas, algumas estão nos arquivos do Conselho das Índias, outras estão sendo encontradas agora.

É o caso das obras do Pe. José Francisco Jaque y Aragón junto com a de seu co-irmão de religião o capuchinho, Ipirano Muirnas que atacam abertamente e com uma força de denúncia extraordinária a instituição escravagista (se podem ler alguns trechos, destes textos na primeira parte do livro publicado pelo DEMIS e pelas Ed. Paulinas sobre os Afro, 1982).

Sabemos que existiram outros companheiros na mesma luta; lebramos o Pe. Miguel del Toro, pregador de Tenerife, que sendo encarregado da assistência espiritual aos palenques da região de Santa Marta, conseguiu da "Real Audiencia de Santa Fe de Bogotá", liberdade e terra para os "palenqueros", entre os anos 1680 al 1688... porém uma "real cédula" ordenou o contrário.

Entrou em ação o padre tesoureiro da Catedral de Cartagena e "douctrineiro" de Turbo, Baltazar de la Fuente, o qual viajou diretamente a Espanha e conseguiu aquilo que pedia os palenqueros (ano 1692).

16

A luta contra os interesses dos donos de escravos e outros poderosos inimigos foi muito dura. Estes últimos conseguiram outra vez intervir através da força e os palenques foram calmo.

O Pe. Baltazar para salvar os palenques de Santa Maria enviou um memoria à Coroa explicando as causas pelas quais os donos de escravos se opunham a tal libertação "para trabalhar as suas terras utilizavam os cinarrones". Também outros senhores não podiam cobrar uma intervenção das autoridades por que não possuam documento algum que provasse a propriedade de escravos sendo que os haviam comprado ilicitamente (Gutiérrez, 1985: 63). Porém criticou a atuação das autoridades locais de Cartagena que não acataram a cédula de perdão. Por fim para evitar problemas às mesmas autoridades de Cartagena, de acordo com a petição do Bispo Mons. Antonio María Cassani regularizaram definitivamente a situação do Palenque de S. Basilio, na Sierra María, primeiro povoado livre da América.

### IV - A RELIGIÃO E OS NEGROS DA COSTA DO PACÍFICO

Na Hispano-América a preocupação principal originalmente era cristianizar. Desde o começo criaram-se leis que regulamentavam a passagem de Espanha a América. Não houve profundidade na evangelização. O africano era obrigado a aceitá-la pela solidão na qual se encontrava; separado dos seus familiares e também dos de sua mesma língua, já que sempre havia medo em juntar escravos de uma mesma nação. Os escravos domésticos foram mais sujeitos a um catequese constante. Os que viviam nas minas e nos campos, recebiam menos atenção, não obstante sabemos que haviam práticas obrigatórias como, a confissão uma vez ao ano, certo número de orações diárias, etc.

17

## ELEMENTOS FUNDAMENTAIS PARA UMA

### TEOLOGIA AFRO LATINO AMERICANA

#### "O NEGRO E OS 500 ANOS DE EVANGELIZAÇÃO: ASPECTOS SOCIAIS E CULTURAIS"

##### "Mudança da Perspectiva Teórica"

- Sentido de liberdade e dignidade do(a) negro(a);
- Resgate da identidade enquanto povo Latino-Americanano;

##### "Solidariedade do negro(a) com todos os oprimidos

- partilha - senso de justiça;

##### "Realidade de discriminação;

##### "Reconciliação:

- dom de perdoar (por quem teria tudo para não perdoar, para se vingar... e não o faz)
- violência menor frente à violência praticada pelo branco em todos estes anos de opressão... e apesar disto, continuar acreditando na presença de Deus no hoje (se Deus quiser...);

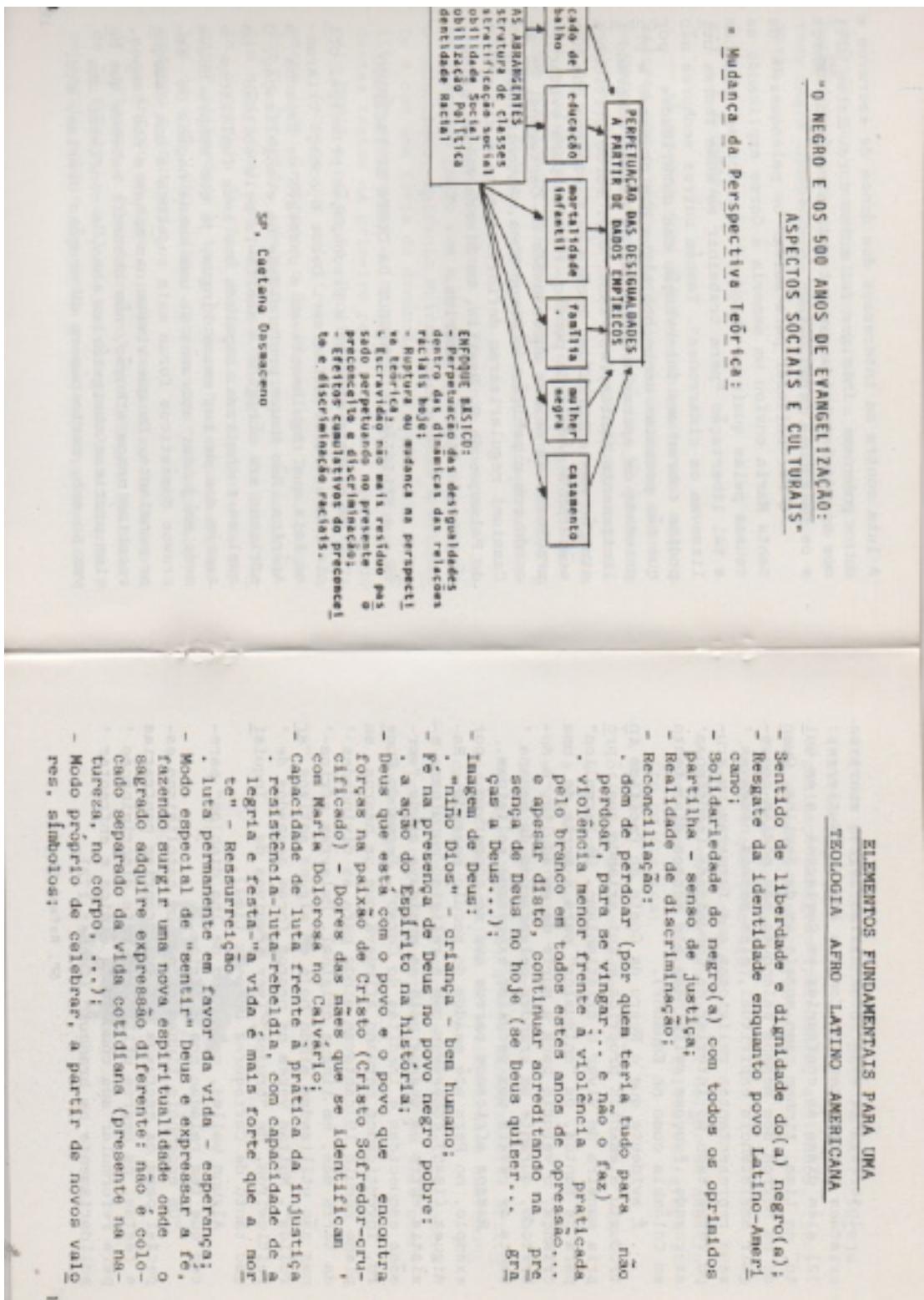
##### "Imagem de Deus:

- "mão Deus" - orfanga - bem humano;
- fé na presença de Deus no povo negro pobre;
- a ação do Espírito na história;
- Deus que está com o povo e o povo que encontra forças na paixão de Cristo (Cristo Sofredor-crucificado) - Dores das mães que se identificam com Maria Dolorosa no Calvário;

##### "Capacidade de luta frente à prática da injustiça

- resistência-luta-rebelida, com capacidade de alegría e festa - "a vida é mais forte que a morte" - Ressurreição
- luta permanente em favor da vida - esperança;
- Modo especial de "sentir" Deus e expressar a fé, fazendo surgir uma nova espiritualidade onde o sagrado adquire expressão diferente: não é colocado separado da vida cotidiana (presente na natureza, no corpo, ...);
- Modo próprio de celebrar, a partir de novos valores, símbolos;

SP, Castanha Dossaceno



Interessante notar como haviam negros escravos cristãos procedentes do Congo e Angola (Gutiérrez: 32) além disso as confrarias em Cartagena e em Quito, em Lima, tinham como modelo as de Sevilha. Quanto os negros dos mesmos palenques não podiam conseguir assistência espiritual, elas mesmas nomeavam seus representantes religiosos que formaram um grupo respeitado no interior da Comunidade (continuam exercendo funções religiosas até nossos dias tanto em Colômbia como no Equador).

É evidente que o negro da Costa do Pacífico introduziu elementos próprios e foi criando sua própria maneira de viver o cristianismo. Os "arrullos" para os santos, os "chigualos" para a morte de uma criança, o velório para a morte de um adulto, e sobretudo, durante as grandes celebrações da Semana Santa se revela uma peculiar expressão religiosa. Raízes africanas parece que se conservam, por exemplo, no Peru até meados do século passado. Rodriguez (1845) comprovou que a religião muçulmana existia entre os negros pois se ensinava ainda "verões esquecidas e inéditas do Corão". Fernando Roneiro, investigador peruano afirmava que os negros em pleno século 19 cantavam ainda para as divindades da terra mãe, em língua original. Palavras africanas são utilizadas ainda hoje em alguns antigos "arrulhos". Muitas vezes os negros foram acusados de feiticeiros, de "brujas" (ver Arquivos da Inquisição tanto de Cartagena como de Lima).

Alguns bailes, como "son de los diablos" parecem que tem relação com a África.

"Os espanhóis tinham criado um catolicismo especial para os escravos com suas próprias confrarias e festas; os negros utilizaram esta discriminação para reformular sua comunidade étnica e enfrentar solidariamente os brancos" (Guché: 172).

- Atitude profética diante da postura da Igreja institucional;
- Organizações negras (palenques, quilombos...) formadas de sociedade alternativa;
- Ecumenismo popular;
- onde é que Deus age?
- age em favor de quem?
- Igrejas-entender, valorizar, deixar-se questionar, assimilar valores dos cultos/religiões afro na América;

- A Mulher:
  - ótica da mulher negra
  - a tradição
  - a organização
  - a "fé" & "luta"
  - libertação do machismo
  - mulher-condutora, grande dinamizadora, articuladora das práticas de solidariedade na comunidade negra;
- Conflito que vem surgindo a partir de uma postura profética, das questões levantadas pela comunidade negra.



"IMAGENS DE DEUS A PARTIR DA CONSCIÊNCIA E  
IDENTIDADE NEGRA"

"Assumir a Negritude"

O processo de conscientização e descoberto da Negritude vai aos poucos levando o Negro a entrar no seu mundo real e assumir uma nova postura diante de si, da vida e da sociedade.

Esta mudança vai marcar a saída de uma posição de não aceitação do seu ser negro, para uma posição de gostar de ser negro e a valorizar os elementos próprios constitutivos de sua vida.

Este reconhecer-se negro deve-lhe a identidade, algo tão difícil de ser recuperado para o Negro. Num primeiro instante esta descoberta fica a nível pessoal, passando depois a assumir uma nova dimensão - a dimensão comunitária. O Negro passa da sua experiência descobrir-se no serviço aos deuses Irmãos necessitados e, de fazer a mesma caminhada de libertação.

A PINTURA

DA COMUNIDADE NEGRA CRISTÃ

Entrou assim na caminhada sendo voz e testemunho na luta pela libertação do povo negro. Este assumir tem implicações na vivência da fé a partir deste dado, na comunidade negra se começam a perceber formas concretas e elementos da manifestação de Deus na vida do povo negro. O identificarse como negro e negra ao reagatar sua dignidade o sentido de liberdade, tudo irá favorecer a descoberta da proposta de Deus para a humanidade, em particular com o povo negro. Esta descoberta faz com que a comunidade negra seja sinal concreto do assumir a dimensão protetiva na caminhada de libertação.

"Descoberta da presença de Deus na vida do Povo Negro - Deus na História do Povo Negro Latino Americano"

Os trabalhos de conscientização do Negro e a recuperação de sua identidade têm um momento muito forte que é quando se retoma a história do nosso povo. Começando pelo tráfico de homens e mulheres negras

gras da África, passando pelos horrores da escravidão até a situação do povo marginalizado hoje. Dentro dessa história constata-se a emergência de movimentos de contestação ao regime de opressão instaurado aos negros na América Latina. Entre esses movimentos podemos destacar as centenas de quilombos que surgiram no período escravocrata no Brasil, os diversos palenques na América de língua espanhola, as fuzas, o banzo e tantas outras formas de organização que disseram "não" à violação da dignidade e liberdade do povo negro. Conforme sabemos, tal movimento trazia dentro de si um projeto alternativo de sociedade negando, dessa forma, o regime opressor instaurado.

Um olhar a esses fatos históricos não só a partir das ciências sociais, mas sobretudo, a partir da fé que nos revela a presença de um Deus que se coloca ao lado do povo oprimido, caminha e faz história conosco. Trata-se de um Deus que foge dos esquemas teológicos institucionais e emerge da prática do povo na busca de alternativas de libertação. O deus dos esquemas institucionais agiu de modo exatamente contrário. E legitimador do sofrimento e da opressão e muitas vezes aconselhou o povo à não insurreição. Ao contrário, o Deus da Vida fez história com o povo negro forjando novos caminhos, procurando recuperar a vida. Ainda, nessa retomada histórica que os grupos de negros fazem, constatamos a presença de uma outra face de Deus. E o Deus da Resistência, não é com pouco aspasia, ou alegria, ou admiração que nós negros, nesses grupos, constatamos que apesar de tantas mamobras políticas para destruir (exterminar) o povo negro do cenário geográfico da América Latina (por exemplo na guerra do Paraguai, onde o negro foi colocado como escudo na frente das tropas que causou o massacre de milhares), o deus, todo a política de branqueamento elaborada eposta em execução no inicio desse século. A tudo isto o negro conseguiu resistir e continua presente de forma tão expressiva na população latinoamericana.

Este Deus da resistência ajudou, ao longo da história, o povo negro a continuar aí as suas tradições culturais e religiosas vivendo aqui da Á-

mérica, com características originais, as expressões religiosas africanas. O sincerismo é o exemplo mais autêntico da resistência e objeto da repressão cultural feita pela religião oficial.

Ao constatar que Deus caminha con o povo negro no passado, esses grupos de conscientização aumentam ainda mais, sua convicção de que Deus as faz presentes hoje, na prática do povo negro que busca a libertação na história.

#### Mo        presente        do        Povo        Negro

A partir do lugar social que nos colocamos; a partir da ótica que olhamos o mundo e os acontecimentos a partir da consciência de nossa negritude vamos formulando uma imagem de Deus.

Olhando a partir do Povo Negro constatamos através da nossa experiência que o Deus Libertador torna as felicidades do Homem Negro e da Mulher Negra. Jeito de ser deste povo negro não está enquadrado nos esquemas tradicionais. É um Deus dinâmico que foge da estaticidade dos esquemas pré-estabelecidos. E o Deus que caminha com o povo e o anima na luta. Gata e dança, gina como faz o povo e o estimula na caminhada. Nesta novidade a descoberta de um Deus diferente que gera a alegria, a certeza enquanto povo negro, em saber que Deus luta sua história, ouve o seu clamor e vive as suas angústias - é sinal de esperança.

Percebemos hoje na prática da comunidade negra que o Deus deste povo não foge da luta e nem tem medo de dizer de que lado está. A sua presença sempre se manifesta onde a vida se sente ameaçada pela morte. Toma o rosto dos fracos para confundir os fortes (os dominadores e que decretam a morte para o povo negro). O nosso Deus vem para combater com as estruturas geradoras de morte.

Ele é o Deus da vida. Ele nos chama ao compromisso com sua causa, contrapondo a ideia de que Deus descomprometido com o povo. Gata imagem de Deus não comporta nenhuma passividade diante da ameaça da vida. Exige um posicionar na história e um identificar

de posição de que lado Ele está. Exige um repensar e um redimensionar dos nossos conceitos de Deus, de Igreja, de Sacerdócio, de Fé, de espiritualidade, de teologia, etc.

O povo negro é um povo profundamente religioso (cont. CFB88 - Texto Base-64) e não é mais possível que continue em situação de oprimido, sob o peso de uma imagem de um Deus opressor, imposto pelo branco. O Deus do Mato não concorda com esta mentalidade. Ele quer ser celebrado de acordo com a vida do povo negro.

Esta imagem de Deus que o povo negro está desembrindo é uma realidade nova que incomoda muita gente. Pois este Deus defende os interesses da periferia e não mais os interesses das grandes. Não compactua com a injustiça cometida contra o povo. O Deus agora se encarna na vida do povo, sofre com o povo, alegra-se com ele. É o Deus que não mais se para ou se distancia, mas a Deus-Presença. No modo do povo negro ser, celebrar e viver a manifestação da presença de Deus.

#### • Conflitos e Desafios...

Vários tipos de movimentos estão descobrindo vários formas e símbolos para expressar a sua fé e sua religiosidade. Estes movimentos que vêm da base estão se espalhando com grande intensidade por toda a comunidade negra, atingem a Igreja institucional, provocando conflitos e desafios. Neste processo buscam também uma nova organização social, política e religiosa.

#### • Majoria Negra de Ser Igreja

A Igreja que sempre colocou os negros para sustentar seus rituais e usou de seu poder religioso para legitimar o sistema dominante opressor (império colonial), sendo questionada pela organização do povo negro, que em muitas vezes inicia este processo na própria Igreja.

Dentre os vários conflitos e desafios na vi-

sa de Deus e da religião queremos destacar alguns:

- Ecumenismo: O Povo Negro que sente Deus em todas as ações da sua vida participa com alegria e Fé nos cultos-afro e vai com a mesma devoção para as missas, procissões. Outras expressões e crenças populares também seguem os mesmos princípios. A Igreja que também acusou a religião dos orixás de demoníaca vê hoje suas fiéis negras apresentando seus símbolos nos altares, a sua história, de resistência, os seus antepassados, a sua dança, os seus instrumentos, etc.

A partir do povo, o ecumenismo está acontecendo, é um processo em caminho que se iniciou e não vai acabar mais. A Igreja Institucional saberá dar a sua resposta;

- Participação da Mulher: Em todas as igrejas também nas religiões afro as mulheres desenvolvem uma missão capaz de agrupar, dinamizar, animar a vida e os trabalhos das comunidades. Na Igreja Católica, as mulheres são impedidas de assumir o ministério hierárquico. Como também é discriminada em tantas outras funções de serviços da comunidade eclesiástica. A atuação comprometida das mulheres no movimento negro, como também a valiosa experiência das mulheres na organização de terreiros como lieduras e representantes dos orixás e santos, exigem uma mudança na Igreja. Acreditamos que há de acontecer com o tempo;

- Simbologia: Os negros, como já vimos, expressam Deus na sua vida através de símbolos concretos do dia-a-dia. Estes símbolos enriquecem a liturgia e a comunicação de Deus, sendo a maneira mais objetiva de se fazer a catequese. Mas as Igrejas Cristãs ainda estão usando muito do discurso escrito e os ritos oficiais, que inibem o povo de se expressar e muitas vezes a se dispersar nos atos celebrativos. Tudo provoca a dispersão e acentua o prejuízo à evangelização permanente;

- Produção Teológica: Quem escreve e sistematiza teologias são os intelectuais, sacerdotes, pastores bispos e os documentos da Igreja. Na medida em que

o povo negro fala da sua experiência religiosa e a vive, ele já está fazendo um novo teologizar. Porem esta nova teologia não foi escrita e são poucos os que procuram entender a necessidade de enegrecer a teologia. Eis o desafio!

Uma Igreja Negra, popular e Pobre: é a Igreja capaz de superar todos os conflitos, giver o ecumenismo, estar ligada com todos os pobres e dar passos firmes e decisivos na construção do Reino de Justiça e Igualdade.

Quanto mais negra a Igreja se tornar, mais se identificará com a proposta do Reino de Deus que Jesus nos deixou. Vamos ver se conseguimos colocar o jeito negro de ser Igreja.

#### o projeto político que surge da visão teológica

O projeto político surge da identidade deste Deus com a vida do negro. Surge do seu estilo de vida comunitária e solidária com a causa dos oprimidos. O projeto político não se esgota em algumas definições e nem é para ser idealizado no papel. Ele surge da luta concreta que sempre estimulou o povo negro.

Vamos colocar alguns elementos, que inspirados no Deus vivo e verdadeiro; simbólicos novos presentes na vida do negro quando para superar as barreiras da discriminação experimentam aquela comunidade totalmente livre. Vamos lembrar a luta pela terra, pela educação, saúde, cultura, emprego, pelo salário justo e de todo clãor por justiça para com a economia, a política, o social e o religioso.

Que tudo se integre e o negro, a negra, a criança negra, o idoso negro, todos os pobres, marginalizados, minoritários, deportados e toda humanidade tenha VIDA E LIBERDADE!

Concluindo afirmando que o Povo Negro, no convívio com os povos Latino Americanos, vivem e ainda vive uma situação de injustiça, de opressão e de sofrimento. A medida que os negros tomam consciência da sua negriidade e buscam a sua identidade que lhe é própria, descobrem o novo rosto de um Deus que surge em sua caminhada.

Rosto de um Deus que não se deixa enquadrar nos esquemas dominantes, que dá um sentido de solidariedade, que rompe com as diferenças e injustiças que resiste à opressão e ao pecado.

Rosto de um Deus que "derruba dos tronos os poderosos e eleva os humildes" (Lc 1,52). Ao fazer a experiência desse Deus e percebendo a ação do Espírito na história, o povo negro recupera a esperança para continuar a luta pela liberdade e dignidade como Povo de Deus.



## A MULHER NEGRA NA REPÚBLICA TRADICIONAL

absente e presente

A humanidade é mulher e homem. (Gn 1,18)<sup>14</sup> «E Deus viu que tudo era bom».

No gesto criador Deus impregna a criação do bom, do projeto, do belo.

Deus povo tem suas características e valores, delasando refletir a transcendência de Deus.

A mulher negra com seu doms: femininos, valores, beleza e capacidade, faz com que visualizemos valor e liberdade unido: gesto pela vida, do resto permanente que existe no céu.

Deus se revela na mulher. Ela é a força geradora e que-mulher a vida, no mundo.

A mulher dá a vida por sua capacidade de muitas vezes gerar no mundo, tanto do ponto de vista biológico, quanto do ponto de vista emocional, social e de transformação (p.ex., no familiar, nas cidades, nos bairros populares, etc.).

A mulher negra se vê como alguém que é digna de respeito, acolhida e no processo de libertação, dentro de um povo negro, é cativo.

Muitas vezes ela encontra no espaço racista e discriminatório para deslocar o Deus da criação, isto devido a acribada programação masculina. Esta mulher se sente portadora de uma aliança "não... Eu te amo?" (Ex. 3, 16)

Defeita a importância de uma visita bíblica na áfrica, também da mulher negra, como portadora dos apóstolos.

Ficando na "preferência", à margem do mundo cristiano e da mulher

negra, vênia-se a partir de seu corpo, como instrumento de praxe. Co-  
mo alguma vez se fez, para marcha, aventure, todos os homens.

A mulher prostituta pela sociedade mercantil e puritana é fruto desta marginalização e que foi reduzida, ao longo do séc. XIX, de vê as mulheres com olhos de pejoratividade, que as concrece à fundo, suas angústias e opressões. «Eu vi a opressão...» (Ex. 3, 7as).

Deus impõe da Trindade ela reflete grande percepção, intuição, presença as gerações para dar alegria, ruela de festa, rir e o outro, feliz.

Por causa de sua capacidade singular de resistência, de perseverança na ação de conquista, ela foi a primeira a perceber a Ressurreição do Senhor e, a quem foi confiado o anúncio (Jo 20, 11-18). Graças a esta força, este dom iluminante feminino, a mulher negra conquistou sustentado e dar continuidade às lutas na conquista da nossa libertação. Ela possuiu um grande valor de militância: à todos, independentemente de sua coroa.

Defender os humanos, como mulher negra, mais do que um gesto de compaixão é desvolver-lhe a capacidade de agentes de sua história. A ação de Deus impõe de modo incontrolável, mas experimental, palpável, «ela viverá com nossos outros...» Alguns o Deus da violência, 1,1). Isto é para nós motivo de alegria, de carregar nosso magnificat: «Eu me revelo em Deus meu Salvador...». «Sabe, Ele faz (e faz) grandes coisas em mim...». «Ele vai derribar os padroões da sua falibilidade, perverdade...» (Lc. 1,48)

Com todas as mulheres negras esperamos este dia vitorioso.



A situação que se encontra o povo negro, povo de cada um de nós, um povo desamparado, maltratado, com direitos e diretrizes não cumpridas.

A sede por justiça e o cansaço da opressão e marginalização nos

exige esse gesto profético e evangélico.

A sociedade, o mundo eclesiástico, ainda com o seu grande poder vivem

uma posição, muitas vezes, descompromissada, deixando o povo padecer

sem voz e sem voz.

A vida religiosa vivida pela comunhão da mulheres e homens, pe-  
culiar à Igreja na vida o desejo de transformar a sociedade através da sua  
voz profética e na preleira de Jesus. A Igreja está em confronto com os  
desafios da participação, com arreio e pertinácia no processo de discerni-  
mento da vontade de Deus que se manifesta em cada rosto e grito sofrido

do clamor por liberdade.

A nossa comunhão com outras igrejas religiosas no Brasil, de-  
senvolve a alegria desunida que o mundo Igreja-serviço se encontra.  
Ainda, porque tais ruas estão longe da realidade pônsa, somos resfriados

de uma história desunida e, sentimos na pele as marcas dos sofrimen-  
tos.

Penetrando com a visão no coração da comunhão negra, percebemos

o rosto de Deus: libertar, incansável, mobilizando o nosso povo na

sensibilidade, na profundidade e unidade para lutar em favor do seu

conhecimento, dignidade e liberdade como pessoas.



#### A NOSSA REALIDADE

O povo negro fala, ainda é, visto como não religioso, ou que vive

passando de uma religião para outra, com uma antiga religião atra-  
tiva, supersticiosa. Diante dessa visão não foi difícil chegar a con-  
clusão de que as religiões negras seriam surpreendentes, até incom-  
preensíveis de viverem uma existencialidade: «não são muito de oração!»

Olhando para nosso povo negro, para suas expectativas de fé, consta-  
tamos que na realidade somos profundamente religiosos. Tratamos de  
Deus muito presente na vida e buscamos viver em consonância com Ele.

A questão que se coloca é que a nossa expectativa de permanecer, viver  
vivificar e celebrar a presença de Deus na vida se difere e, em alguns  
pontos, se opõe às formas tradicionais.

Procedentes do solo popular, trazemos marcas do sofrimento e do  
desprezo, a ser mulher negra nascida profundamente a nosso modo de  
ser religiosa, nossa expectativa é realidade, a vi-  
da é muito curta para nós trazer os aperfeiçoamentos do dia-a-dia. As  
pessoas, fatos e reais sobre elas, dando um ato de espírito de ob-  
ras importante para o povo, para a comunhão negra. Esta marca é  
permanente de servidão, submissão, enigmas que são muito vivas em  
nós.

Um oráculo narroado não pelo intelecto, a verbalização, as fómu-  
ras já elaboradas, mas onde o corpo, os gestos, a alma, a dor, os  
sibilos são os principais meios de expressão e tornam-se signo de an-  
tropos.

Não encontrando, muitas vezes, espaço na comunhão religiosa para  
nos colocar, nos encontrarmos com nossas lutas negras. E, por outro la-  
do, vemos tentar as igrejas pessoas intelectuais da maioria que  
sempre são apeladas.

Este modo de nos relacionar com Deus é porque acreditam... no

Deus da vida... a presente na vida, que nós faz sensíveis aos perigos  
gestos de atração/afastamento da vida e confrontos com a vida nos quan-  
tos e problemas que ameaçam a vida.

... no deus adeus... ade negro... que faz a triângulo das religiões, enton-  
do os crônicos, no deus que cultua e - cuida com carinho e atenção es-  
pecial, deus satisfraco.

... no Deus presente na subordem das idades e que tem no gesto da

... no Deus que alimenta a esperança do povo trabalhador, e que é esta esperança, que lhe dá coragem de enfrentar o dia que comesa, com todos os desafios.

... no Iemanjá pensava Ibitabara no sofriamento do pere, que ten no mundo das expreções, das regras o lugar privilegiado da sua manifestação e que isso é para nós religiosas regras, este o lugar de nossa consagração e entrega a Deus.

四百一

nesse momento no Brasil, que se deslocava as religiões negras, das suas contemporâneas. É uma atitude de profetismo, que desafia toda a velha religião a ser aberta para o novo e desafiar-a questionar, por Ela.

O sono, quando rupturas, exige reorientação, questiona a ordem estabelecida, por isso acha que Freud a maneira do sono há diferenciação e não é deixa de ser malha, aquela que aponta "a lei", e significa, de si, memória de vivência, aquela que numa psicologia do sonhamento, defesa, procurando elidir o olímpico.

Es descrevendo disso, assistimos, hoje, em muitas congregações, o confronto entre religião as tradições religiosas, que associam com coragem e determinação pela causa de seu povo. A resistência que é algo tão profundo de nossa fé, faz com que busquemos estratégias diversas para que fomos em nossa identidade, continuarmos juntos neste espaço que também é nosso - a vida religiosa.

Nós, juntamente não são poucos os que vemos "obrigado" a casar-nos, devido a forte pressão que sofremos. Unas distorcem de luto e preferem se casar; outras porque têm medo aos compromissos românticos, à ação do espírito. São céticas, acomodadas e se restringem. Isto para dizer: "sabem numerosas estórias" das congregações. Nestes casos, os mais sutilos são os concertos e fortificam-se as falsas justificativas de faltas de vocação, de coração, e dissimulação psicológica.

O grito doce de que os quer chegar a vida religiosa a assombrar sua verdadeira identidade; ser um santo, sempre

"O ECUMENISMO DO PÔVO NEGRO"

DOCUMENTS OF THE OFFICIAL

ECUM, DO POVO NEGRO

• Recolhe com quem dialogar (igrejas cristãs, grandes religiões)

NO. 680 "J".

• Efeito na convivência

tua, da partilha das propriedades.

cupacões e alegrias. Ho-  
comunidades, mas perfe-

rias que se unen para luchar contra.

• Sabe-se que junto com os

segundo a maneira de dizer.

CHOB. 601.

130

## "Qual é a percepção de Deus?"

— E o DEUS-VIDA que se manterá nas práticas concretas em favor da vida.

— É o MESMO DEUS que se manifesta de maneiras diferentes, diversas relações.

— É o DEUS-PRÓXIMO dos simples, dos pequenos, dos

pobres.  
— E o DEUS-PONTE deixa caninhada.

— Percebe-se pela experiência pessoal do encontro, e sentir a revelação para mim do Deus Vida na Fé.

卷之三

— Não é Deus da Lei que cria separação.  
— Nem sempre o Deus da Igreja é o Deus revelado por Jesus Cristo.

#### "Algumas questões principais"

1. O ecumenismo popular já existe. Não é reconhecido pelas Igrejas. É desrespeitado. É chamado, às vezes, de sincretismo. O povo negro (e a mulher negra se destaca nisso) sabe reconhecer e celebrar o mesmo Deus nas diferentes religiões (ex.: religião Afro e Igreja Católica). É marginalizado por isso. Quando começamos a andar por este caminho somos marginalizados e hostilizados.
2. O primeiro passo é o respeito: reconhecer que o outro tem valor. A partir de nossa experiência, percebemos que o ecumenismo cresce quando o outro na sua fé, nos revela Deus e me ajuda a crescer na experiência da Deus.
3. Nesta prática, como cristãos, recuperamos a identidade do povo negro. Quando a comunidade negra faz ecumenismo questiona a evangelização ligada a práticas de dominação da Igreja Católica e, mais recentemente, das outras Igrejas Cristãs. Enquanto não houver uma real mudança das relações sociais e raciais, não é possível chegar ao respeito e a comunião verdadeira.
4. O ecumenismo do povo negro não é caminhada individual. Faz-se junto com uma outra pessoa que nos acompanha na descoberta da fé dele, partilhando a experiência de Deus. O mesmo caminhar juntos revela um Deus novo e comum que não se conhecia.
5. Este ecumenismo nos faz redescobrir a importância dos antepassados, no sangue e na fé, para contrar o mesmo DEUS da VIDA.
6. As lutas populares (pela terra, de reivindicação etc.) ajudam a se unir e a superar os preconceitos de religião.
7. Está começando uma nova liturgia que acompanha esta caminhada. Às vezes, se corre o risco de

clorização. Nem sempre o intercâmbio de símbolos é uma prática ecumênica e de comunhão.

#### "Questões abertas"

1. Como passar de um ecumenismo popular de pessoas a um ecumenismo de comunidades de fé?

2. Se Deus é o mesmo, por que a Igreja Católica e outras Igrejas Cristãs, se acham superiores do ministro afirma que "não de Jesus Cristo não há salvagão"?



H E A T S H I A

APR 1963  
LIADE E CAMPING  
Dona Faixa da Deus Pad. da Jesus Litterader  
CRIATIVO DE TRADUÇÃO BRASIL - PRAZERES DE DEUS  
- Expondo em Deus a Glória e a Honra -  
- SANTO -

RESENHA: *BRASIL: 100 ANOS DE INVESTIMENTOS* — A COMPETITIVIDADE NACIONAL E A INVESTIMENTOS — LIVRARIA DO BANCO NACIONAL

— COLLECTOR'S EDITION —  
1. 3.000 d. o. ♀ FEM. AFRICANA  
REBETO EN SAN MIGUELIA.

BRASIL: Poder Executivo: E. BORGES: Império negreiro: Tadeu José  
Escravidão

Os Encreses -Missão da Inquisição -  
dos Célebes

ALTOUR "TERRA" da LOCAÇÃO DO SISTEMA  
que desafia o tempo.  
RESISTÊNCIA MÉDIA: 1.350 horas  
A. corrente: 1000

Centro & periferia de identidade & territórios  
A. Pinto: *Antecede e anuncia: "Spiritos  
vaihais"*; Martin de Turner: *Antecede de Cartagena*

-Exposto do Povo que se recusa a votar como homem livre.

o menisco como Poco Afonso Dutra. Contra o que se alega em uma sociedade abracadabrinha de intérpretes engajados em um processo de desnaturalização da memória, é preciso lembrar que o Poco Afonso Dutra é um herói que, ao lado de outros, lutou por um Brasil que, apesar de suas limitações, é o que temos.

TIG-212

Conserve "água Fria" em Gelo. Evite a subida e libertar o Lc. 4,16 como a ocular seu BPAQD na 1.

GRUPO: desde a MÍDIA QUE:  
- Assumindo responsabilidades  
- Corporelizando decisões

Salvo:

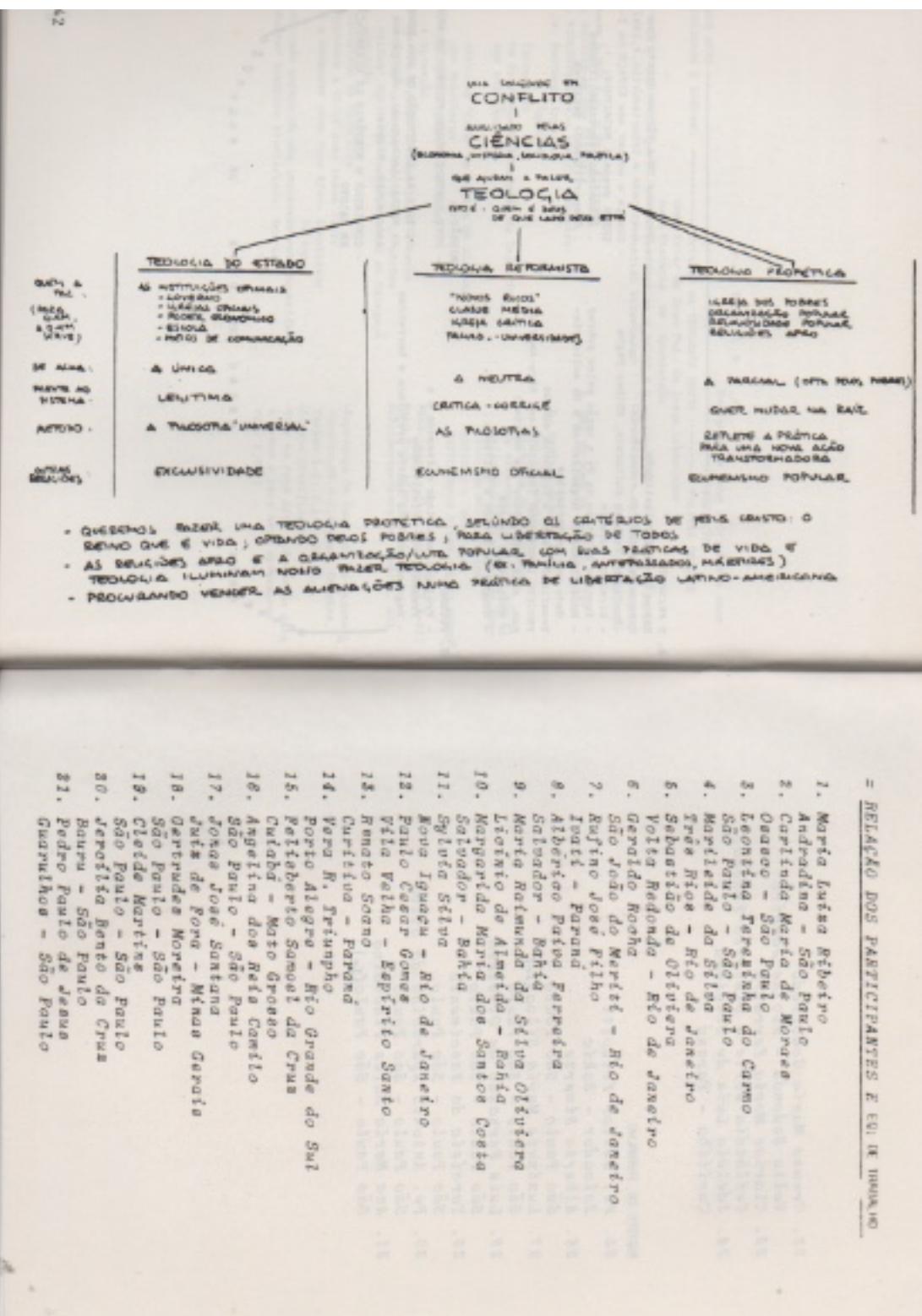
SUJETO NA CONSTRUÇÃO DE UMA FIGURA MÉRICA: ANTES, DURANTE, RELACIONADA AO FIM, DESPOIS

COMPLTAR O MINISTÉRIO DA LIBERTADE  
EM CRISTO

100

卷之三

141



RELAÇÃO DOS PARTICIPANTES E EQUIPE TRABALHO

22. Creusa Maria Godofredo  
Volta Redonda - Rio de Janeiro  
23. Clarice Maria Ferreira  
Cetilândia Norte - Distrito Federal  
24. Idelcio Luis de Oliveira  
Curitiba - Paraná

LISTA DE NOMEADO

25. Pe. Rector Primitivo  
Salvador - Bahia  
26. Alberto Ribeiro  
São Paulo - São Paulo  
27. Lusinete Maria Silva  
São Paulo - São Paulo  
28. Lute Fernando de Oliveira  
São Paulo - São Paulo  
29. Ferreira do Nascimento  
São Paulo - São Paulo  
30. Pe. Antônio Aparecido da Silva  
São Paulo - São Paulo  
31. Ana Maria Sales Páridino  
São Paulo - São Paulo